

BLACK MIRROR - BE RIGHT BACK: UMA COMPREENSÃO EXISTENCIAL SOBRE O LUTO

Ana Beatriz Macedo Magerski¹
Beatriz da Silva Nogueira²
Gabriela Rodrigues Tokumoto³
Daiany Lara Massias Lopes Sgrinholi⁴

RESUMO: O luto é um conjunto de reações a uma perda significativa, ao qual, todos estão sujeitos a vivenciar. Independente de ser um luto por morte ou perdas em vida, se trata de um estado emocional, iniciado por ameaça ou rompimento de um vínculo. Este artigo propôs-se refletir aspectos históricos sobre morte e luto, bem como analisar a partir da filosofia existencial, o episódio Be Right Back da série Black Mirror. A partir da pesquisa bibliográfica, considera-se que o luto é um tema evitado, carregado de tabus e paradoxos, gerando consequências para a saúde mental, não devendo ser anulados, desprezados ou ignorados.

Palavras-chaves: Finalização; Sofrimento; Análise; Enlutado.

BLACK MIRROR - BE RIGHT BACK: AN EXISTENTIAL UNDERSTANDING OF MOURNING

ABSTRACT: Grief is a set of reactions to a significant loss, which everyone is subject to experience. Regardless of whether it is a mourning for death or loss in life, it is an emotional state, initiated by threat or break-up of a bond. This article aimed to reflect historical aspects about death and mourning, as well as to analyze from existential philosophy, the episode Be Right Back of the Black Mirror series. From the bibliographic research, it is considered that mourning is a avoided theme, loaded with taboos and paradoxes, generating consequences for mental health, and should not be annulled, despised or ignored.

Keywords: Finishing; Suffering; Analysis; Mourning.

BLACK MIRROR - BE RIGHT BACK: UNA COMPRENSIÓN EXISTENCIAL DEL DUELO

RESUMEN: El duelo es un conjunto de reacciones ante una pérdida significativa, que todo el mundo está sujeto a experimentar. Independientemente de que se trate de un duelo por la muerte o por la pérdida de la vida, se trata de un estado emocional, iniciado por amenaza o ruptura de un vínculo. Este artículo se propone reflexionar sobre aspectos históricos sobre la muerte y el duelo, así como analizar, desde la filosofía existencial, el episodio Be Right Back de la serie Black Mirror. A partir de la investigación bibliográfica, se considera que el duelo es un tema evitado, cargado de tabúes y paradojas, generador de consecuencias para la salud mental, y no debe ser anulado, despreciado o ignorado.

Palabras-clave: Refinamiento; Sufrimiento; Análisis; Afligido.

¹ Acadêmica do 4º ano do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR, sede Umuarama.

² Acadêmica do 4º ano do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR, sede Umuarama.

³ Acadêmica do 4º ano do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR, sede Umuarama.

⁴ Professora do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR, sede Umuarama.

INTRODUÇÃO

O luto é um fator ocasionado pelo encerramento de diversos aspectos na vida das pessoas, sendo uma experiência que qualquer um poderá passar. Independente de ser um luto ocasionado pela morte ou por perdas em vida, se trata de um estado emocional, que se inicia pela ameaça ou rompimento de um vínculo importante. Caracterizando-se como um período de enfrentamento da dor da perda, um processo difícil e muitas vezes doloroso.

Neste sentido, torna-se importante aprofundar-se na compreensão da dor com base na filosofia existencial, significando a ruptura da vida e da história conjunta com o outro, a morte em sua corporeidade. Do ponto de vista da psicologia existencial, o sofrimento intenso pode ser compreendido como a ausência do tu na relação eu-tu, entendida a partir da noção de intersubjetividade, onde a vida intencional me revela em situação. Sendo que, é na presença do outro que nos tornamos visíveis a nós mesmos, ocorrendo a intercorporeidade e como troca primária, pois o outro é um campo relacional (FREITAS, 2013). Consequentemente, a intersubjetividade é a articulação da experiência, resultando em um dispositivo possível. O eu sem tu:

Caracteriza-se como luto a vivência experienciada após uma situação de perda significativa. O sentido da perda é um elemento fundamental para a compreensão desta experiência, especialmente quando se trata de um ente querido. O sentido da relação também. Com a apresentação da ausência do outro no mundo do "eu", a experiência do luto surge como essa novidade carente de sentido que coloca em jogo as especificidades relacionais, o horizonte histórico e o mundo-da-vida do enlutado (FREITAS, 2013, p. 99).

Todas as relações significativas estão sujeitas a perda, frequentemente associadas à morte de alguém, por ser o rompimento mais definitivo de um laço de amor. No entanto, o processo de luto também se dá por outros motivos, como uma separação, casos onde o corpo foi afetado por algum tipo de intervenção, perda de seu emprego ou perda financeira. A vivência do luto é sempre inacabada e não se organiza como um fluxo contínuo. Vivida pelos enlutados como se fossem “ondas”, a dor do luto tende a ser presente de tempos em tempos, embora com diminuição de frequência e intensidade, como sentido partilhado com quem se foi (MICHEL; FREITAS, 2019).

É bem verdade, que há possíveis divergências no modo de compreender e atuar diante do luto, como será apresentado na compreensão do episódio da série Black Mirror: Be Right Back. Esta perspectiva produz consequências relevantes na qualidade do enlutamento, como nas dificuldades encontradas pelo enlutado ao enfrentamento da perda (FREITAS, 2018).

De acordo com o DSM-5 (APA, 2014) houve mudanças notáveis na compreensão do luto. A primeira consiste na retirada das reações como critério excludente ao diagnóstico de depressão. E a segunda, onde o luto passou a ser compreendido como uma condição que necessita de estudos e pesquisas, por se tratar de um transtorno complexo e persistente. Portanto, para ocorrer o diagnóstico,

o luto normal passaria a ser persistente se determinadas respostas esperadas a uma perda significativa perdurasse por ao menos doze meses ou seis meses no caso de crianças, após este período, se consideraria sintomas de um luto complicado.

É de ser revelado que pessoas são partes uns dos outros, atrelados ao sentido do que se constrói representações a alguém, do que se pode ser na relação e do meio em que estamos afetados. O impacto da morte não é definido por rótulos, mas é diferentemente vivenciado dependendo da subjetividade e do meio de relação que se tinha com o que foi perdido. Cada elemento específico de uma relação, se articula e emerge de acordo com as possibilidades dadas pelo horizonte histórico com o mundo (FREITAS, 2013).

Não se pode perder de vista que a morte estará acompanhada de dor e de tristeza na maioria dos casos, por mais que o homem esteja preparado para a morte do outro ou para a sua própria, o perder ou o deixar de existir causa sofrimento. Tuy (2009, p. 3), comenta que “A dor do existir consiste em ver a morte avassalar a existência do não-eu, percebendo que não consigo ensaiar o meu morrer, com a morte do outro, já que é uma das experiências únicas e intransferíveis”. Um dos causadores do sofrimento da morte do outro é a sensação de que também iremos passar por isso e não temos como fugir, pois, a morte faz parte da nossa finitude. Tuy (2009), ao fazer um comparativo entre a ideia de morte para Sartre e Heidegger, que foram grandes estudiosos do tema, comenta:

[...] a morte seria uma passagem para um absoluto não-humano, o morrer seria viver as possibilidades do não, saber que essa auto transcendência é a vida, vida em morte, seria o marco determinante para o fim da existência. Essa existência finita atribui ao homem o caráter de totalidade, de uma forma individualizada, só eu posso me completar, já que ninguém pode morrer por mim, só eu posso interromper meus projetos de vida, com a minha morte (TUY, 2009, p. 3).

A morte é compreendida como aquilo que causa uma dor irreparável como se fosse uma ferida profunda que precisa de tempo para cicatrizar, um evento que arrebatou todo o seu significado e demanda tempo. Tempo este variável em cada pessoa, das estratégias de enfrentamento da resiliência, do modo como encara o fato e de suas significações pessoais.

Diante do exposto, a vida e a morte estão unidas de maneiras que coexistem juntas em razão de uma influência diretamente acontecimento da outra (SIMAN; RAUCH, 2017). Fazendo com que seja de extrema compreensão do ser-no-mundo para que o homem consiga significar sua existência a partir de suas escolhas, o qual o faz existir.

COMPREENSÃO SOCIAL E EXISTENCIAL SOBRE A MORTE E O LUTO

Morrer é uma experiência solitária e individual, já dizia Heidegger (2005). O filósofo contribuiu com a compreensão do conceito, afirmando que antes da nossa própria morte, só temos experiências

sobre esse fenômeno, através da morte de outras pessoas. A pessoa sempre lida com a morte como algo que ainda não é, mesmo diante de si.

No presente estudo, a importância em refletir sobre a morte colabora para a compreensão de que é necessário se conscientizar da finitude e vulnerabilidade para que o homem aprecie realmente a vida. Contudo, isso não quer dizer que não exista dor, medo ou sofrimento na maior das certezas humanas. Pelo contrário, morrer é uma experiência solitária e ninguém pode vivenciar pelo outro, é restrito exclusivamente ao sujeito (HEIDEGGER, 2005).

De acordo com os ensinamentos de Martin Heidegger (2005), filósofo e professor alemão, ao apresentar suas reflexões filosóficas sobre a morte contribui com fundamentos sobre essa temática, afirmando que, antes de nossa própria morte, só temos experiências através da morte dos outros, ao vivenciarmos, a ideia de morte cresce e se desenvolve no homem. Neste sentido, deve-se dizer que a morte é algo distintamente iminente, sempre paira sobre a pessoa como algo que ainda não é. Ao contrário de outras possibilidades, no entanto, ela não pode ir além de estar diante de nós.

Compreende-se que o findar da vida acontece através das maneiras mais diversas, como por exemplo a velhice, onde o corpo começa a apresentar debilidades em função da idade, à morte por acidente ou alguma doença, além de homicídio e suicídio (KOVÁCS *et al.*, 1992). Assim, o término da vida caracteriza-se pelo rompimento das ações da pessoa no mundo.

A partir do que Heidegger (2005) apresenta, cabe, ainda, observar que, o fim da vida pode acontecer de várias maneiras: homicídio, suicídio, doença terminal, acidente ou a velhice. Na conceituação da morte, descreve-se como o término de algo ou da vida, sendo um ponto terminal na máquina corporal. Chegando ao fim de sua era de trabalho, como o último serviço que o homem realiza, o de morrer. Melhor dizendo, a vida humana só se torna um todo por intermédio da morte. Tornando-se a única maneira de atingir a individuação, de conquistar a universalidade de sua vida e a única possibilidade que determina a totalidade do ser, que o limita e lhe permite ser completo.

Freitas (2013, p. 12), apresenta as contribuições do historiador Ariès, pontuando que no século XVIII “a morte toma um sentido dramático, ganhando a conotação de evento que rouba o homem de seu cotidiano e sua família”. A autora acrescenta que a morte se apresenta enquanto um fenômeno, principalmente quando se reflete sobre a perda de um ente familiar.

Nesse momento o luto adquire novos contornos: perde seu caráter natural e se torna “exagerado”, onde o personagem principal desse drama passa a ser a família em detrimento da pessoa que morreu. O temor não é o da própria morte, mas o da perda do outro, assim, abre-se um novo horizonte de possibilidades de apreensão da morte enquanto fenômeno (ARIÈS, 2003 apud FREITAS, 2013, p. 102).

Neste efeito, Franco (2021) apresenta em seu livro, a morte colocada como algo irreparável, irreversível, impositivo e imutável. A experiência humana de perder alguém significativa, deixa marcas na biografia de qualquer pessoa. A autora aponta que, a vivência da perda de alguém da qual há um afeto inicia-se na construção de vínculos que compreendem sentidos e significados em uma relação. Desta forma, aparece a compreensão de que o ser humano é um-ser-para-a-morte, pois começa a morrer assim que nasce.

Experiências que não se consegue reverter, chegará independente da escolha ou da vontade do ser humano. Em vista do que a história da perda não começa no momento da perda, mas antes, quando se constroem os vínculos e se desenvolvem relações (FRANCO, 2021). Consequentemente, o óbito é constitutivo do ser humano, por ser um-ser-para-a-morte, onde assim que nascemos começamos a morrer.

Os contornos da morte na metade do século XIX, tratava o acontecimento como um tabu. Os familiares escondiam a gravidade do ente enfermo, poupando-o de sofrimento. Já no século XX, a medicina tem especial contribuição para a forma como a representação social da morte passa a ser vista: “já não se morre em casa a seu tempo e com os seus, mas no hospital e em grande parte das vezes, sozinho” (ARIÉS, 2003 apud FREITAS, 2013, p. 102). Contemporaneamente, apresenta-se os ritos funerários, conduzindo a experiência do luto, no qual os enlutados podem se despedir.

Contemporaneamente, a regra implícita na morte e no morrer é a da neutralização dos ritos funerários e a ocultação de tudo que diga respeito à morte, o que implica diretamente na forma que se concebe e se vivencia o luto, cada vez mais percebido como vivência patológica, pois proibida, e não mais como um período natural e passageiro (ARIÉS, 2003 apud FREITAS, 2013, p. 102).⁵

Assim, expressar-se emocionalmente pode ser visto como sinal de falta de controle das emoções, um ato desapropriado e de desespero. A supressão dos ritos pode dificultar a vivência da perda de sentido do mundo-da-vida e sua resignificação. Para Heidegger (2005), a consciência da morte faz com que o homem repense sua própria existência e a sua forma de estar no mundo. Compreende-se então, que a morte retira do homem todo o sentido da vida, não a percebendo como parte integrante e de valor da vida. Assim, a morte finda qualquer possibilidade de vivência.

Freitas (2018) aponta que, quando uma pessoa deixa de existir perde-se não apenas um corpo, mas sim uma história e a existência que coexiste junto com a do outro indivíduo. É perder um mundo, uma profundidade e uma perspectiva. De acordo com a autora, uma problemática a refletir é o sentido que a existência tem na vida do enlutado, uma vez que, mesmo o outro não estando mais presente, exerce influência na vida dos que ficam. A partir de uma perspectiva existencialista, é possível manejar o luto de formas diferentes de ser-com, nesse sentido, constrói-se possibilidades de viver na

⁵ ARIÉS, P. **História da morte no ocidente**. 1.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, 296 p.

ausência, ressignificando a vida, projetando novos contornos de sentidos existenciais. Contudo, esses contornos se deparam com um luto carregado de tabus e paradoxos, devendo muitas vezes ser evitados.

Como aponta Ceccon (2017), trata-se de um processo de elaboração do sentimento de pesar devido à perda de uma pessoa querida, envolvendo muita tristeza, passando por um abalo emocional significativo e ao mesmo tempo, com a necessidade de seguir a vida à diante. Momento difícil, com sentimentos intensos, onde a pessoa que está passando deve buscar externalizar suas emoções livremente, como um ritual de despedida. Sentir e passar por esse sofrimento faz parte do início do processo de transformação da perda do ente querido. A autora pontua que cada caso deve ser analisado individualmente, contudo havendo a necessidade do processo de elaboração, corre-se o risco de, com o passar dos anos, o enlutado reviver frustrações do contato com esse sentimento. O luto não elaborado, quando a imagem do falecido não é internalizada, passando a fazer parte apenas das memórias do enlutado. Trazendo o risco de ficarem retidos nesse processo, assim arrastando-se por anos, com frustrações de expectativas e possíveis doenças, comportamentos antissociais, criminalidade, revolta, suicídio, etc.

Reações, sensações e sentimentos diante de uma perda, são fatores relevantes como parte da saúde mental, ao qual, não devem ser anulados, desprezados ou ignorados. Posto que, qualquer ato de desconsideração da dor e do sofrimento, seria como não investir e não se importar com a saúde mental do indivíduo que sofre. O momento de luto necessita de apoio, acolhimento, partilha da dor para que possa ser trabalhada e adquirir novos significados. Dar voz ao enlutado não é só uma demonstração de respeito, mas um ato de solidariedade, compaixão com a sua dor e com o significado do ente querido em sua vida (CECCON, 2017).

Como pondera Freitas (2013), existe uma distinção entre o luto normal e o patológico. O normal, o impacto da perda pode ser amenizado em um curto espaço de tempo, através da formação de novos vínculos, investimentos em novas atividades e aceitação da rede de apoio. No luto patológico, trata-se de uma ligação afetiva intensa, voltada para uma pessoa que não pode garantir a manutenção saudável do vínculo. Nestes casos, é possível encontrar reações de negação, incerteza e permanência nas memórias passadas. Ante o exposto, entende-se que, para cada indivíduo o luto vai se desenvolver em uma dinâmica psíquica individual. Destaca-se, ainda:

De acordo com Bowlby, o luto ou perda é um trauma para crianças e adultos. Ele é colocado como uma experiência angustiante e desorganizadora. O autor cita como primeira fase do enlutamento o entorpecimento ou choque, quando a morte chega como uma surpresa, um forte impacto. Diante do fato surge o choque, a descrença e a negação que, podem durar dias ou até semanas. A segunda fase é marcada pelo anseio e protesto. Ela é tida como a fase de emoções fortes, caracterizadas por raiva, busca pelo morto e inquietação. Os sentimentos são confusos, embora predomine o sentimento de tristeza e perda. Bowlby segue relatando as fases do enlutamento sendo, a terceira a desorganização e desespero. O enlutado deixa de

procurar pela pessoa perdida e reconhece a imputabilidade da perda. Sente-se desmotivado, apático e depressivo. Na quarta e última fase do luto está a reorganização. Nesta fase há uma redefinição de papéis e desenvolvimento de novas habilidades, levando o enlutado para além da sobrevivência emocional. É importante esclarecer que essas fases não acontecem de forma sequencial e estática, nem todos passam necessariamente por todas elas (BOWLBY, 2004 apud CECCON, p. 886-887, 2017).⁶

Destaca-se ainda, que o luto que se vive pela morte de um ente querido é uma experiência dura e profunda de perda, trazendo à consciência a própria condição de ser mortal. A dor da perda é uma expressão do sofrer, significando o desaparecimento carnal e de uma história de vida. Ao ser noticiada, a morte pode causar um processo de desorganização e esvaziamento de sentido. O homem encontra dificuldade em falar sobre morte devido às reflexões e sentimentos que implica lidar com a tristeza, pela constatação da finitude e do medo do desconhecido. Os medos relacionam-se ao da própria extinção e da interrupção de sonhos, podendo gerar sentimento de impotência por não conseguir evitar a morte (FREITAS, 2013).

O luto e a morte estão ligados às mudanças transformadoras que ocorrem para quem vivencia essa experiência. Para quem morreu, encerra-se um ciclo, para quem ficou, resta a dor, a saudade e a interrupção de um vínculo. A dor da perda se torna um aprendizado emocional com expressões físicas, psicológicas, comportamentais e sociais. Dessa forma, compreender a existência humana requer descrição, relato e biografia de quem a vivenciou. A perspectiva fenomenológica existencial, contribui com o conhecimento sobre as vivências do luto frente à morte, no momento em que se prioriza o ser-com, valorizando a relação entre sujeito e mundo. A experiência humana é realmente compreendida quando descrita pelo sujeito que a vivenciou. O método fenomenológico não prioriza o sujeito ou o objeto no ato de conhecer, mas valoriza a relação que se estabelece entre o sujeito e o objeto que é conhecido. Assim, para conhecer o fenômeno do luto, é necessário deixar que a pessoa compreenda o sentido e o significado da experiência que está vivenciando (HOLANDA, 2014 apud CECCON, 2017).

IMPLICAÇÕES SUBJETIVAS E PATOLÓGICAS SOBRE O LUTO

O Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5 (APA, 2014), em sua 5ª edição, avançou em discussões específicas sobre o luto. O manual ressalta que há uma grande dificuldade em estabelecer duração, intensidade, expressão, comprometimentos ou qualquer tipo de praxe na conduta como referência, em razão das variações que existem na vivência do luto em diferentes grupos culturais (BORIS; CARNEIRO, 2016). Decorrente de uma variedade de critérios

⁶ BOWLBY, S. **Apego e perda: tristeza e depressão**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

que distinguem o luto normal do patológico, porém, sem evidências empíricas para dar sustentação à escolha de uma única (BORIS; CARNEIRO, 2016).

De acordo com Boris e Carneiro (2016), o DSM-5 (APA, 2014) juntamente com os pesquisadores, optou por não criar um diagnóstico oficial para o luto complicado, apontando a necessidade de estudos mais aprofundados para embasar a existência de um luto patológico. A proposta baseia-se em uma classificação diagnóstica intitulada Transtorno do Luto Complexo Persistente, em uma seção denominada “Condições para estudos posteriores”, que se encontra em análise para futura aprovação. Caso ocorra a aprovação, na nova edição do manual, um diagnóstico específico para o luto complicado, buscando separar de forma clara o luto saudável do luto patológico (BORIS; CARNEIRO, 2016).

Convém ponderar, que o critério adotado para realizar essa diferenciação é um intervalo específico de tempo. Cabe refletir acerca deste critério, bem como de sua compreensão do luto como um todo, com a perspectiva histórica, subjetividade, construção de vínculos e singularidade do sofrimento de cada um perante o luto. Uma vez que ele necessite de outros elementos relevantes e até mesmo primordiais para o processo de diagnóstico (MICHEL; FREITAS, 2019).

O luto como experiência do vivido é fundamentalmente humano, ou seja, não há possibilidades de passar pela vida sem vivenciar perdas (FREITAS, 2018). A vivência da perda de um ente querido costuma ser uma experiência de profundo sofrimento em que o sobrevivente perde mais do que um “outro”, perde também possibilidades próprias de existir no mundo. Desta forma:

A primeira condição para a experiência do luto é a ruptura mesma vivida do ser-com, do partilhar uma espacialidade e temporalidade específicas. A morte nos impele a vivenciar esta perda de modo irreversível, produzindo abertura para a angústia e para a impotência diante do desaparecimento do outro e da interrupção de nossa história em comum. Não é apenas o outro que desaparece com sua história. É uma vida comum que se interrompe, morremos “nós”, em largo sentido – eu e o outro. Com ele desaparecemos nós, nossa história conjunta, um modo específico de se expressar naquela relação, uma possibilidade de abertura de percepção de mundo, possibilidades de vivenciar um papel social, uma emoção, uma tarefa cotidiana. Ele morre em sua corporeidade, eu em minhas possibilidades de ser com ele, o “nós” enquanto temporalidade compartilhada (FREITAS; MICHEL; ZOMKOWSKI, 2015, p. 17-18 apud FREITAS, 2018, p. 51-52).⁷

Ainda de acordo com os ensinamentos de Freitas (2018), a perspectiva fenomenológica do luto necessita de reflexão, por apresentarem vários desafios, em respeito ao entendimento do luto como uma experiência existencial, vivida em um mundo partilhado, sem etapas e experiências predeterminadas. Porquanto, aquele que perdeu alguém que lhe é significativo precisa se restabelecer de seu sofrimento para a retomada de sua vida normal, através de vínculos e de relações significativas

⁷ FREITAS, J. L.; MICHEL, L. H. F.; ZOMKOWSKI, T. L. Eu sem ti: uma leitura existencial do luto psicológico. *In*: FREITAS, J. L.; CREMASCO, M. V. F. (orgs.) **Mães em luto: a dor e suas repercussões existenciais e psicanalíticas**. Curitiba: [s.n], 2015, p. 15-24.

que foram abruptamente rompidas. Impondo então, a tarefa de viver com a ausência, através do sentido que o morto mantém para o enlutado.

O silêncio, repetição ou a não expressão dos sentimentos decorrentes do luto, não está atrelado a um luto complicado, mas, os modos de se expressar são compreendidos de acordo com a subjetividade de cada existência, dentro de suas possibilidades pessoais e culturais. A clínica fenomenológico-existencial pretende abrir um espaço de articulação para o enlutado encontrar possibilidades no seu existir, tomando a si mesmo como medida, dentro de um espaço de possibilidades e experiências compreendidas durante a vida (FREITAS, 2018).

A psicopatologia compreendida pela filosofia existencial, considera o homem um ser no mundo, estabelecendo uma relação dialética com ele, transcendendo na liberdade para construção de caminhos composto de situações históricas concreta, por isso, não é possível separar o homem do seu contexto, é essencial compreender o processo vivido e não a “causalidade” pré-estabelecida (JASPERS, 1976). Para Schneider (2011), essa compreensão deve ocorrer após a elaboração da “biografia” do ser, abrangendo as diversas condições ambientais e sociais de onde origina-se, para a compreensão de sua doença, entendendo o adoecer a partir da existência do homem.

Dessa forma, ressalta-se que a psiquiatria estacionou no modelo médico do século XVIII, permanecendo na ótica da clínica dos casos e na ênfase classificatória. Basta analisar o levantamento das psicopatologias que se encontram no DSM-IV ou no CID-10. Fornecem uma descrição exaustiva de uma sucessão inumerável de sintomas, constituindo um conhecimento estatístico, factual e, portanto, empírico, das doenças. Porém, não chegam a definir o ser da patologia descrita, no sentido de que não discutem as condições de possibilidade de ocorrência daquele quadro dentro do contexto da realidade psíquica e social do paciente. Esses procedimentos, apesar de fornecerem uma verdade sobre a doença, não favorecem a sua compreensão e a intervenção segura no fenômeno (SCHNEIDER, 2011).

O que se aprende através desses manuais de psicopatologia podem até auxiliar a enquadrar o paciente em algum quadro patológico, mas não a compreender o que são efetivamente os fenômenos psicopatológicos e nem a construir ferramentas psicoterapêuticas que retirem o paciente de sua situação. Uma psicopatologia se constitui por um conjunto de variáveis articuladas entre si, entre elas aspectos fisiológicos, neuroquímicos, assim como aspecto da dinâmica psicológica, que formam os seus sinais e sintomas, baseado nos quais pode-se formular o psicodiagnóstico (delimitação do fenômeno). No entanto, há de compreender, antes de tudo, o que é o adoecer, quem é o homem que adocece, para só então, conhecer as diferentes psicopatologias (SCHNEIDER, 2011).

MORTE E LUTO NA ANÁLISE DE BE RIGHT BACK

Black Mirror (2011) é uma série britânica, de antologia e ficção, criada por Charlie Brooker, na qual apresentou cinco temporadas, totalizando vinte e dois episódios. A série, produzida pela empresa Netflix, aborda a tecnologia em um futuro “não tão distante”, exhibe contos de ficção científica que refletem o lado sombrio da tecnologia e nossa relação com ela. Apresenta episódios impactantes por elaborar situações análogas ao cotidiano humano tecnológico.

Be Right Back, foi o episódio um, lançado na segunda temporada em 2013. Traduzido para o português, *Volto Já* traz uma reflexão sobre perda, vínculo e o apego. Tal episódio mostra a importância de desapegar daquilo que já não existe mais no mundo concreto, além da necessidade de respeito com a própria história, não para esquecer o que passou, mas sim, compreender o presente (SILVA, 2013).

Ash e Martha são um jovem casal que se mudam para uma casa no campo, e em seguida, após a mudança, Ash se acidenta e morre ao tentar retornar para casa em uma van alugada durante uma tempestade. Nesta primeira cena, observa-se Ash confuso ao que está acontecendo ao seu redor, com toda sua atenção em seu celular, não percebendo a presença de sua namorada, Martha, com duas bebidas quentes na tempestade do lado de fora (BLACK MIRROR, 2013). Pereira e Mello (2014), pontuam que essa cena representa metaforicamente a ideia de que, ele se encontrava dentro de seu mundo não conseguindo perceber a tormenta ao seu redor. Vivendo em outra realidade, conectado com o mundo virtual, permeado por imaturidade e insegurança emocional.

Ele, sem se dar conta de que há um notável distanciamento entre ele e sua namorada, refletindo em um clima desagradável para a relação, como a tempestade que cai sobre o carro. Já Martha, representa a consciência de que o vínculo e conexão do casal se encontram estremecidos, afinal, quem está sentindo a chuva é ela que está do lado de fora do mundo dele, logo, fora do carro. No retorno para casa, Martha é quem dirige o carro, uma representação da tomada de controle por ela, tanto da situação, quanto da relação. Completamente insatisfeita, comanda que guarde o celular no porta-luvas do carro durante o retorno (BLACK MIRROR, 2013).

Além disso, durante uma conversa do casal, Ash conta para Martha, que sua mãe rejeitava o luto, não querendo entrar em contato com as lembranças daqueles que se foram, guardando fotos no sótão (BLACK MIRROR, 2013). Refletindo sobre isso, Freitas (2018) contextualiza que, uma forma de lidar com a perda é o apego à pessoa que partiu, impedindo a entrada na elaboração do luto.

A tarefa que a existência impõe se torna, pois, viver com a ausência, uma vez que o morto se mantém como sentido para o enlutado, caráter irrevogável do luto, ou em outros termos, viver um luto é ter como desafio se ver habitando às voltas com a desorganização imediata de um mundo outrora partilhado, mas ainda aberto ao sentido. Uma clínica existencial do luto se constitui, portanto, pela abertura de possibilidades para novas formas de ser-com, dada pela irremediável ausência do morto. Apesar de não ser mais possível que nossa experiência

conjunta se atualize, o mundo e a relação pedem uma ressignificação, já que o morto não cessa de se “apresentar” na vivência do enlutado, por meio de objetos, hábitos, aromas, fotografias, lembranças. O que se quer explicitar aqui é que a experiência do enlutamento não se apresenta como privada, internalizada, mas como uma pergunta sobre o ser-com, sobre a vida conjunta e o mundo partilhado, vivida em um horizonte histórico de sentidos. E toda pergunta, nos convoca a uma reflexão, especialmente vivida aqui pelo enlutado. Diante da morte e de seu absurdo, não há respostas passíveis de serem programadas a priori, ou que possam ser forjadas tecnicamente, pois não há um modo único ou normativo de expressar a dor ou viver com a ausência (FREITAS, p. 53, 2018).

Por outro lado, apesar de Ash ocupar parte do tempo no mundo virtual, ele sente falta da companhia de sua namorada, percebendo que existe um espaço em sua vida, um vazio de uma relação saudável. Todavia, enquanto se conduz para a devolução da van, Martha permanece em casa realizando a sua profissão de ilustradora, criando a imagem de um cachorro com chapéu de investigador. Enquanto isso, é surpreendida com a presença de uma mariposa, símbolo de transformação ou libertação através da morte e o renascimento. A partir disso, ocorre uma profunda mudança na vida da personagem tomada pela morte de Ash (BLACK MIRROR, 2013).

Martha, uma mulher decidida e de temperamento forte, por muitas vezes induzida a tomada de decisões, após descobrir que está grávida e tentando viver o processo de luto, sente forçada a passar pela experiência do desapego, um momento de difícil aceitação a possibilidade de transitoriedade e transcendência. Diferente do que “compreende-se contemporaneamente, do mesmo modo, que o sofrimento do luto deve ser atravessado de forma calma, tranquila e comedida” (MACHADO, 2016 apud FREITAS, p. 53-54, 2018), este não foi o caso de Martha. A notícia de sua gravidez é um ponto de ruptura emocional, assim, ela começa a se aventurar na tentativa de contato com Ash, cedendo a soluções que parecem fáceis e que tem efeito imediato. Experimenta então, um serviço online que permite manter direto contato com o falecido (BLACK MIRROR, 2013).

É necessário salientar que o personagem Ash tem o significado de seu nome traduzido do inglês para o português como referência a cinzas. Simbolicamente, representa a transitoriedade da vida, a fragilidade, a dor, o sofrimento, a melancolia, a transformação, o nascimento, a ressurreição, as vivências e a morte (PORTO EDITORA, 2003). Através dele, encontra-se a personificação desse processo constante de mudanças que se é enfrentado no decorrer da vida, ao qual, figurativamente, surge da cinza e retorna a ela. Consequentemente, a efemeridade e a angústia, inerentes ao processo da morte são frequentemente evitadas (FREITAS, 2013).

Martha continua no episódio, tentando todas formas de comunicação possíveis com Ash para criar um novo “Ash” virtual. Desenvolvendo-o com mensagens instantâneas, carregamento de vídeos e fotos para dar voz e vida àquele novo personagem. Focada em recriar o vínculo com o ex-namorado, se desconecta do mundo real, perdendo o contato com as relações próximas a ela, vendo-as como um obstáculo para sua experiência (BLACK MIRROR, 2013). Similarmente, pela sua dificuldade de lidar

com o luto, busca retomar memórias e afastar pessoas, vivendo com a cabeça no passado, sem aproveitar o presente e não pensando no futuro.

A não superação é entendida, portanto, como uma impossibilidade de retornar a um modo anterior ou pré-determinado, que ignora ou impõe o sentido do outro no existir do enlutado. Assim como a imposição de uma “superação”, entendida como um retorno a um modo de vida anterior à morte, o conflito entre o silêncio e a expressão do luto é um problema frequente e está calcado não apenas em crenças do senso comum sobre o luto (KOURY, 2010 apud FREITAS, 2018, p. 54).⁸

Acidentalmente seu celular estraga, levando-a a um ataque de pânico por perda de contato com o sistema. Após este ocorrido, Ash virtual lhe informa que há possibilidade de transformá-lo em Ash carnal, um próximo estágio experimental do serviço. Dando origem a um corpo feito de carne sintética, carregado com as informações do programa. Convicta, se permite acreditar que está realmente em contato com seu parceiro, se sentindo confortável em atualizá-lo de sua gravidez diariamente (BLACK MIRROR, 2013). Freitas (2018) menciona que:

Nota-se que nessa perspectiva, ao colocarmos em questão o processo da morte do outro e do luto, não tratamos da perda de um ente querido apenas, mas da perda de um mundo partilhado, de forma irrevogável. A morte de alguém significativo se constitui para o enlutado como o fim de uma possibilidade. No enlutamento, na perda de um ente amado, apresentam-se modos de existir nos quais o mundo-vida é abruptamente interrompido em seu fluxo temporal pela morte e, doravante, encontra-se impossibilitado de qualquer espécie de atualização no contexto de uma dada coexistência. Aquele coexistir é suspenso e emerge como história, não havendo mais a possibilidade de se atualizar, pela simples impossibilidade da atuação do outro no mundo (FREITAS, p. 52, 2018).

Conforme as instruções, o episódio de Be Right Back (BLACK MIRROR, 2013) se desenvolve com Martha transformando um corpo branco sintético em um android, semelhante a Ash. Contudo, após o funcionamento do android, ela se sente desconfortável com a existência desse novo Ash, mesmo satisfazendo-se sexualmente. Surge então, uma frustração pessoal por seu novo Ash ser passivo, constantemente permissivo, sem emoção, a não ser que ela mencionasse e com a ausência de determinados hábitos e características que o verdadeiro Ash tinha. No começo ela chegou a crer que esse espaço havia sido preenchido. Depois de um tempo houve a percepção de que estava usando aquela Inteligência Artificial para suprir a falta do Ash real.

Pode-se entender que essa necessidade de suprir a falta do Ash se dá, pois, a morte é um fenômeno individual, não podendo ser vivenciado por outra pessoa. Quando o indivíduo nasce ele não é composto por nada, dessa forma elabora a sua existência, vivência e experiência, criando sua história com a liberdade que está posta. Compreende-se assim, que o homem é condicionado a ser livre e quando morre retorna ao nada (SIMAN; RAUCH, 2017).

⁸ KOURY, M. G. P. Ser discreto: um estudo sobre o processo de luto no Brasil urbano no final do século XX. **RBSE**, Paraíba, v. 9, n. 25, p. 433, abr. 2010.

As cenas se alongam com um enredo doloroso para a personagem, querendo se livrar daquele Ash que tanto desejou. Deste modo, ela o conduz a um precipício e o ordena que salte, mas, com reação instantânea, o android implora por sua própria vida, impossibilitando a concretização de seu plano. Levando a cenas posteriores, passados alguns anos, Martha se encontra acompanhando sua filha de sete anos de idade, até a casa de campo, onde ela mantém Ash preso no sótão e aos finais de semana permite que sua filha o veja. Não sendo o suficiente para a menina, Martha é convencida pela filha a vê-lo em seu aniversário, causando um grande pesar, lágrimas e dor (BLACK MIRROR, 2013).

Em suma, o que representa o carinho, o amor e a devoção não precisam estar fisicamente próximos, existem realidades que estão além de nossos sentidos. De certa forma, isso é enfatizado no final do episódio, ao mostrar que ela não conseguiu se desconectar da presença física de Ash, deixando a Inteligência Artificial no sótão (BLACK MIRROR, 2013). Importante salientar que esse apego foi passado para a sua filha que também mantém um relacionamento afetivo com a simulação de Ash. E essa é uma forma de apego nítida, ressaltando não ter sido trabalhado e vivenciado o luto por Martha, de maneira a deixar seguir o fluxo da vida. Entendendo que:

O enlutamento é uma experiência que nos acontece, que literalmente “sofremos”, como páthos. Portanto, o luto não se “controla” com tarefas ou passos prescritos que determinam previamente o modo como se atravessa essa experiência e, portanto, não permitem o acontecer de cada modo pessoal de se reorganizar em um novo mundo. Acrescido ao seu caráter pathico o seu fundamento intercorporal, o luto não pode ser entendido como uma experiência que se supera – tal como apontado pelos próprios enlutados em diversas pesquisas fenomenológicas nacionais e internacionais. Luto, literalmente, se incorpora no existir, permitindo assim novas possibilidades de significações e de abertura diante deste mesmo existir (FREITAS, 2018, p. 55).

Na vivência do luto, é fundamental que em alguma medida o enlutado tenha preservada a sua autonomia e condução de sua própria vida. Se a morte impossibilita o modo habitual de ser com o enlutado e impossibilita a restauração da vida rotineira que se vivia antes do falecimento, é incoerente pensar no luto como um processo que se deva impor uma cura ou superação àquele que se encontra em sofrimento. Ressaltando que não há resolutividade em propor que o luto se dê por meio do retorno da vida normal antes da perda, sendo isso incabível, afirmando que ressignificar o luto é respeitar a nova condição que o enlutado é lançado (MICHEL; FREITAS, 2019).

Ao ressignificar a relação que se tinha com o morto, são respeitadas as condições impostas pela importância desse outro na vida do enlutado, permitindo-o incorporar no seu novo mundo e em sua vida agora a ausência que antes era presença daquele que se foi (MICHEL; FREITAS, 2019).

Os comportamentos diante do luto é uma questão complexa e nada simples de se enfrentar. Freitas (2018) enfatiza a importância de expressar o sofrimento, pois a imposição feita pela sociedade hoje de como deve-se lidar com um conflito, como o indivíduo deve se portar perante o seu

sofrimento, força o enlutado a se silenciar e ter descrição no seu modo de suportar o período de luto, sendo inaceitável e nada benéfico. Eleva-se assim significativamente os níveis de estresse, comportamentos depressivos, podendo elencar-se então, sintomas psicopatológicos. Desta forma, ao lidar com o luto, a pessoa vivencia uma das fases mais difíceis e de maior dor na vida humana.

O luto então, vem sendo estudado como sintoma, no qual adequa-se a normal ou patológico, ou seja, espera-se que o luto normal para um adulto dura em média um ano, e para uma criança, seis meses (APA, 2014). Para que a compreensão sobre o luto seja feita, é necessário o entendimento de tratar-se de algo natural, ao menos que cause um sofrimento psíquico intenso, ocasionando assim uma possível patologia, onde se intensifica o entendimento por meio de mediações (FRANCO, 2021).

A tarefa que a existência impõe torna-se viver com a ausência, uma vez que o morto se mantém como sentido para o enlutado, caráter irrevogável do luto, ou em outros termos, viver um luto é ter como desafio se ver habitando às voltas com a desorganização imediata de um mundo outrora partilhado, mas ainda aberto ao sentido (FRANCO, 2021).

Ante o exposto, não são todos os enlutados que necessitam de atenção profissional, cada um entra no seu cenário chamado fatores de proteção: estilo de apego, boa relação com o falecido, suporte psicossocial com qualidade, diferente um dos outros (FRANCO, 2021). À vista disso, o luto é um fenômeno complexo e pode se manifestar pela interação de cinco dimensões:

Cognitiva: confusão, desorganização, falta de concentração, desorientação e negação. Emocional: choque, entorpecimento, raiva, sentimento de culpa, alívio, depressão, irritabilidade, solidão, saudade, descrença, tristeza, negação, ansiedade, confusão e medo. Física: alterações no apetite e no sono, dispneia, palpitações cardíacas, exaustão, diminuição ou perda do interesse sexual, alterações no peso, dor de cabeça, choro e mudanças no funcionamento intestinal. Espiritual: sonhos com o falecido, perda ou aumento da fé, raiva de Deus ou de qualquer representação de um poder religioso superior, sentimento de dor espiritual, questionamento de valores, sensação de ter sido traído por Deus, desapontamento com membros da igreja. Social/cultural: perda da identidade, afastamento das pessoas significativas, isolamento, falta de interação, e perda da capacidade de se relacionar socialmente (FRANCO, 2021, p. 60).

Nesse contexto, no processo de luto ocorre uma perda de sentido no mundo, onde propõem a compreensão do luto como condição e não processo, um novo modo de relacionar-se com o ausente e com sua falta. Complementando, a fenomenologia trata o luto e a morte como fenômenos próprios do humano, e preocupa-se em evidenciar as experiências no mundo, de forma específica e única. O enlutado não quer que sua dor seja vista como algo sem importância, que logo vai cessar, pelo contrário, deseja que sua dor e a memória de seu ente sejam respeitados e conservados (CECCON, 2017). Deste modo, o luto como processo é entendido como algo possível de ser aceito, esquecido, negado ou deixado para trás.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o luto um conceito importante nos dias atuais, ele ainda é carregado de tabus e paradoxos levando os seres humanos a evitar e afastar de si a consciência de sua própria finitude. Quando morre alguém de nosso vínculo, a primeira reflexão que nos atravessa é que a morte é uma realidade universal, incontestável e intransferível. Este primeiro contato com a morte, que é através da morte do outro, traz à tona a possibilidade da morte de si mesmo, permitindo a aproximação com o fenômeno da terminalidade. Apesar de a morte ser algo natural e universal, é algo imposto de forma inesperada e abrupta.

Em vista de tal cenário, a melhor forma de encarar a morte não é fugindo do assunto, mas compreender que ela existe e faz parte da condição humana. Possibilitando uma maior valorização da vida, com suas contradições, limitações e finitude, sem negar a morte como último momento da existência, pode ser vivenciado de uma forma autêntica de ser no mundo. Quanto ao luto, além dele trazer a consciência de nossa própria finitude, traz também o sentimento de desorganização e de falta de sentido no mundo.

Além da ausência da pessoa física no mundo, o que aparece é a falta da relação que se tinha com aquele ente querido, acarretado por sentimentos e vivências intensas. Assim, entende-se que para quem fica, sempre lembrara do que se foi, a falta deve ser entendida como o luto a ser vivenciado não como uma superação ou que deve ficar para trás, mas sim como experiência do vivido perante a finitude. Não se pretende trabalhar o luto tentando esquecer sentimento carregados de lembranças.

É imprescindível que o luto seja tratado com respeito, acolhendo a dor, a história e o sofrimento daquela pessoa. Lembrando que o luto é o enlutar-se, no modo de expressar daquele que o sofre, na falta de sentido que vivencia, em sua dor, na ambiguidade vivida na ausência do outro e não uma entidade dada a priori. A experiência é vivenciada no aqui e no agora, em sua totalidade, colaborando para que esse indivíduo ressignifique suas vivências e resgate o cuidado consigo mesmo.

A filosofia existencial trata a morte como parte constitutiva do existir e ser como humano. Portanto, reconhecer e aceitar a finitude pode fazer dela uma experiência menos dolorosa e traumática. Deste modo, a fenomenologia foca na experiência humana e nos fenômenos que vivenciamos por se tratar de uma das experiências mais fortes e marcantes. Para acessar essas experiências é necessário retornar a elas, ressignificando novos modos e possibilidades de existir no mundo sem aquele ente querido, um novo modo de relacionar-se com ele e com sua ausência.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association - APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <http://www.institutopebioetica.com.br/documentos/manual-diagnostico-e-estatistico-de->

[transtornos-mentais-dsm-5.pdf](#)>. Acesso em: 11 set. 2013.

BE RIGHT BACK. Direção: Owen Harris. Produção: Barney Reisz. Roteiro: Charlie Brooker; Michael Schur; Rashida Jone. **Black Mirror**: the complete third series. Londres: House of Tomorrow, 2016. Disponível em: <<https://www.netflix.com/br/>>. Acesso em: 11 set. 2013.

BORIS, G. D. J. B.; CARNEIRO, S. V. A Patologização do Luto no DSM: Uma Análise Sartreana. **Proceedings of International Conference on Philosophy, Psychiatry and Psychology**, Campinas, v. 1, 2016. Disponível em: <https://proceedings.science/inpp/papers/a-patologizacao-do-luto-no-dsm--uma-analise-sartreana?lang=pt-br>>. Acesso em: 23 ago. 2022.

CECCON, N. J. A morte e o luto na perspectiva da psicologia humanista. **Evinci – Unibrasil**, Curitiba, v.3, n.2, p. 883-899, out. 2017. Disponível em: <https://www.studocu.com/pt-br/document/centro-universitario-jorge-amado/psicologia-fenomenologico-existencial/a-morte-e-o-luto-na-perspectiva-da-psicologia-humanista/15041178>>. Acesso em: 11 set. 2013.

FREITAS, J. L. Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. **Rev. abordagem gestalt**, Goiânia, v.19, n.1, p. 97-105, jan./jun. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100013>. Acesso em: 11 set. 2013.

FREITAS, J. L. Luto, páthos e clínica: uma leitura fenomenológica. **Psicologia USP**, Curitiba, v.29, n.1, p.50-57, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/7XBPBjQ4PLgrXc9pTyCDSTw/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 11 set. 2013.

FRANCO, M. **O luto no século 21: uma compreensão abrangente do fenômeno**. São Paulo: Summus, 1. ed., p. 184, 2021.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. 14. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
psicologia compreensiva, explicativa e fenomenologia. 2. ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 1979.

KOVÁCS, M. J. *et al.* **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2002. 132 p.

MICHEL, L; FREITAS, J. L. A clínica do luto e seus critérios diagnósticos: possíveis contribuições de Tatossian. **Psicologia USP**, v. 30, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/Wbn98WYm7yrrGC58ychmgyk/?lang=pt>>. Acesso em: 11 set. 2013.

PORTO EDITORA. **Cinzeno (simbologia) na Infopédia**. Porto: Porto Editora, 2003.

SCHNEIDER, D. R. **Sartre e a psicologia clínica**. 1. ed. Florianópolis: UFSC, 2007. 209 p.

SIMAN, A.; RAUCH, C. S. A finitude humana: morte e existência sob um olhar fenomenológico-existencial. **Fac. Sant'Ana em Revista**, Ponta Grossa, v.1, n.2, p.106-122, set. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912017000300014>. Acesso em: 11 set. 2013

SILVA, A. M. V. B. A concepção de liberdade em Sartre. **Filogenese**, São Paulo, v.

6, n. 1, p. 2-14, 2013. Disponível em:
<https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/alinesilva.pdf>>. Acesso
em: 11 set. 2013.